



## A produção jornalística de referências em checagens sobre a Covid-19

**Frederico Oliveira<sup>1</sup>.**

Laboratório de Pesquisa em Mídia Digital, Redes e Espaço (Lab404 / UFBA).  
Universidade Federal da Bahia (UFBA).

**Resumo:** Analisa a produção / convocação de referências em verificações sobre a Covid-19 produzidas pelas agências Aos Fatos e Lupa entre 24 de janeiro e 31 de março de 2020. Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa exploratória e descritiva, em uma análise de conteúdo em um *corpus* de 35 textos, que considerou a estrutura dos textos – característica do formato checagem de fatos – e a construção de referências – fontes consultadas, sua apresentação e uso no texto. Em média, cada checagem fez 6,78 citações, sendo que se prioriza fontes jornalísticas (autocitação, textos jornalísticos e de checagem), seguidos por fontes oficiais e pesquisa científica, enquanto especialistas são raramente convocados. Em checagens sobre a Covid-19, ainda que fontes externas sejam convocadas e participem de parte significativa dos textos, a autorreferência jornalística destaca-se.

**Palavras-chave:** *Fact-checking*. Covid-19. Cadeia de referências. Aos Fatos. Lupa.

### 1. Introdução

O jornalismo de checagem de fatos (*fact-checking*) busca verificar a precisão de declarações públicas por meio de uma metodologia específica que pode adotar ferramentas de verificação (USCINKI; BUTLER, 2013; AMAZEEN, 2015, 2016; GRAVES; KONIECZNA, 2015; GRAVES, 2017, 2018, KRUGER, 2017, AMAZEEN *et al.*, 2018; BRANDTZAEG; FØLSTAD; DOMÍNGUEZ, 2018). Tornou-se um gênero da

---

<sup>1</sup> Doutorando em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia, é pesquisador do Laboratório de Pesquisa em Mídia Digital, Redes e Espaço (Lab404 / UFBA). E-mail: freddroli-veira@gmail.com.

produção jornalística, em que a apuração é o produto final, na década de 80<sup>2</sup> - século XX (AMAZEEN, 2016, LOWRY, 2017, AMAZEEN *et al.*, 2018, GRAVES, 2018). O entrelaçamento entre *fake news*, política e as plataformas de redes sociais faz emergir outro modelo de checagem, cujo objetivo é apontar se um fato é ou não real. Em tal contexto de incerteza, a Covid-19 implica em novos desafios para a checagem, tanto pelas mudanças nas rotinas produtivas como pela dificuldade de checar a informação científica.

Mesmo antes da pandemia, criticava-se o jornalismo de checagem, indicando-se falta de rigor nos procedimentos de verificação e falta de transparência sobre o critério de seleção de dados que comprovam ou negam determinada declaração (USCINKI; BUTLER, 2013). Por tratar-se de uma forma de jornalismo de prestação de contas (*accountability*) (AMAZEEN, 2015; GRAVES, 2018), o *fact-checking* só seria viável quando é considerado isento politicamente (AMAZEEN, 2015). Em certa medida, tais críticas reverberam àquelas direcionadas a outros tipos de jornalismo e estão relacionadas, diretamente, à objetividade jornalística. Trata-se de uma problemática discutida desde Lipmann (TRAQUINA, 2005), para a qual foram apresentadas soluções técnicas e metodológicas, como a adoção de livros de estilo e procedimentos de apuração (AMARAL, 1996; LAGE, 2008).

Nesse texto, busca-se discutir a objetividade do produto jornalístico a partir das referências por ele convocadas. Argumenta-se aqui que o nível de facticidade de uma mensagem está relacionado à sua capacidade de evocar / criar cadeias de referência (LATOURE, 1999, MARTINE; DE MAEYER, 2018), de referenciar um fenômeno mantendo suas características principais constantes (imutabilidade) mesmo após uma série de transformações (mobilidade) – o processo de reduzi-lo e relatá-lo em um texto, por exemplo. No jornalismo, é a adequada referência aos documentos e fontes que garante sua qualidade e objetividade (MARTINE; DE MAYER, 2018).

---

<sup>2</sup> As iniciativas de checagem de dados, contudo, precedem tal época. Diante do *yellow journalism* – circulação ampla de jornais de baixo custo, com textos sensacionalistas e produzidos sem apuração dos fatos – (LAGE, 2008) e do jornalismo *muckraker* – jornalismo denunciante que questionava inconsistências sociais e problemas causados pela industrialização dos EUA – (GEIGER, 1966), alguns veículos de imprensa criaram equipes de checagem, como o *New York World* (1913), o *New Yorker* (1927) e a revista *Time* (1923, sendo que nessa publicação que o termo *fact-checking* foi utilizado pela primeira vez, em 1938 (FABRY, 2017).

Assim, procura-se analisar de que modo o jornalismo de checagem de fatos convoca / produz referências em textos de verificação sobre a Covid-19. Esse texto apresenta resultados preliminares de uma pesquisa em desenvolvimento, que compara a produção jornalística de “verdade” com a produção realizada pelas *fake news*. Para tanto, desenvolve a análise do conteúdo de checagens sobre o coronavírus produzidas pelas agências Aos Fatos e Lupa, signatárias brasileiras da *International Fact-Checking Network*.

## 2. Procedimentos metodológicos

Tendo em vista o objetivo desse artigo, desenvolveu-se uma pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa. Foram consideradas todas as checagens sobre a Covid-19 publicadas pelas agências Aos Fatos e Lupa entre janeiro e 31 de março de 2020, que foram copiadas em arquivos *.rtf* (formato de texto enriquecido) e analisadas por meio do *software* Atlas.TI. Os textos foram analisados em seu conteúdo, considerando sua estrutura – o formato *checagem jornalística* e suas características – e a construção de referências – fontes consultadas, sua apresentação e uso no texto.

Entre 24 de janeiro e 31 de março de 2020, as agências Aos Fatos e Lupa produziram 103 checagens de conteúdos falsos sobre o coronavírus – 48 e 55 textos, respectivamente. Desses, 83 foram publicados em março, após a confirmação do primeiro caso no país (em 26 de fevereiro). As checagens discutem conteúdos falsos sobre o isolamento social (22), prevenção à Covid-19 (20), dimensão da pandemia (15), questões políticas (11), fraudes (10), tratamento da doença (8) e que apresentam o vírus como arma biológica (6). Ainda, temas diversos (*outros*, 4), origens do Sars-CoV-2 (3), previsões sobre a pandemia (2) e sintomas da doença (2).

**Tabela 01** – Produção de checagens por jornalista na *Aos Fatos* e *Lupa*

Repórter	Total de Textos	Textos em Coautoria	%
<b>Agência Aos Fatos</b>	<b>48</b>	3	<b>100</b>
Amanda Ribeiro	9	2	18,75*
Ana Rita Cunha	6	1	12,5*
Bruno Fávero	3	1	6,25*
Luiz Fernando Menezes	27	2	56,25*

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo  
18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo  
3 a 6 de Novembro de 2020

Repórter	Total de Textos	Textos em Coautoria	%
Priscila Pacheco	3	-	6,25*
Tai Nalon	3	-	6,25*
<b>Agência Lupa</b>	55	-	<b>100</b>
Chico Marés	24	-	43,64
Equipe Lupa	2	-	3,64
Maurício Moraes	15	-	27,27
Nathália Afonso	14	-	25,45

\* Alguns textos da *Aos Fatos* são considerados mais de uma vez, em função de serem produzidos em coautoria, o que implica em um *n* maior que 48 (100%).

**Fonte:** elaborado pelos autores, 2020.

Apresenta-se os resultados da análise de uma amostra desses textos, composta pelas checagens sobre a prevenção à Covid-19 (20) e dimensão da pandemia (15), respectivamente o segundo e terceiro tema mais presente nas checagens. Decidiu-se desconsiderar checagens de conteúdos falsos sobre o isolamento social pois essas foram publicadas somente a partir de março, quando tais medidas começam a ser adotadas pelas autoridades. Desse modo, o *corpus* aqui analisado é composto por 35 textos, sendo que seis foram publicados em janeiro, quatro em fevereiro e 25 em março.

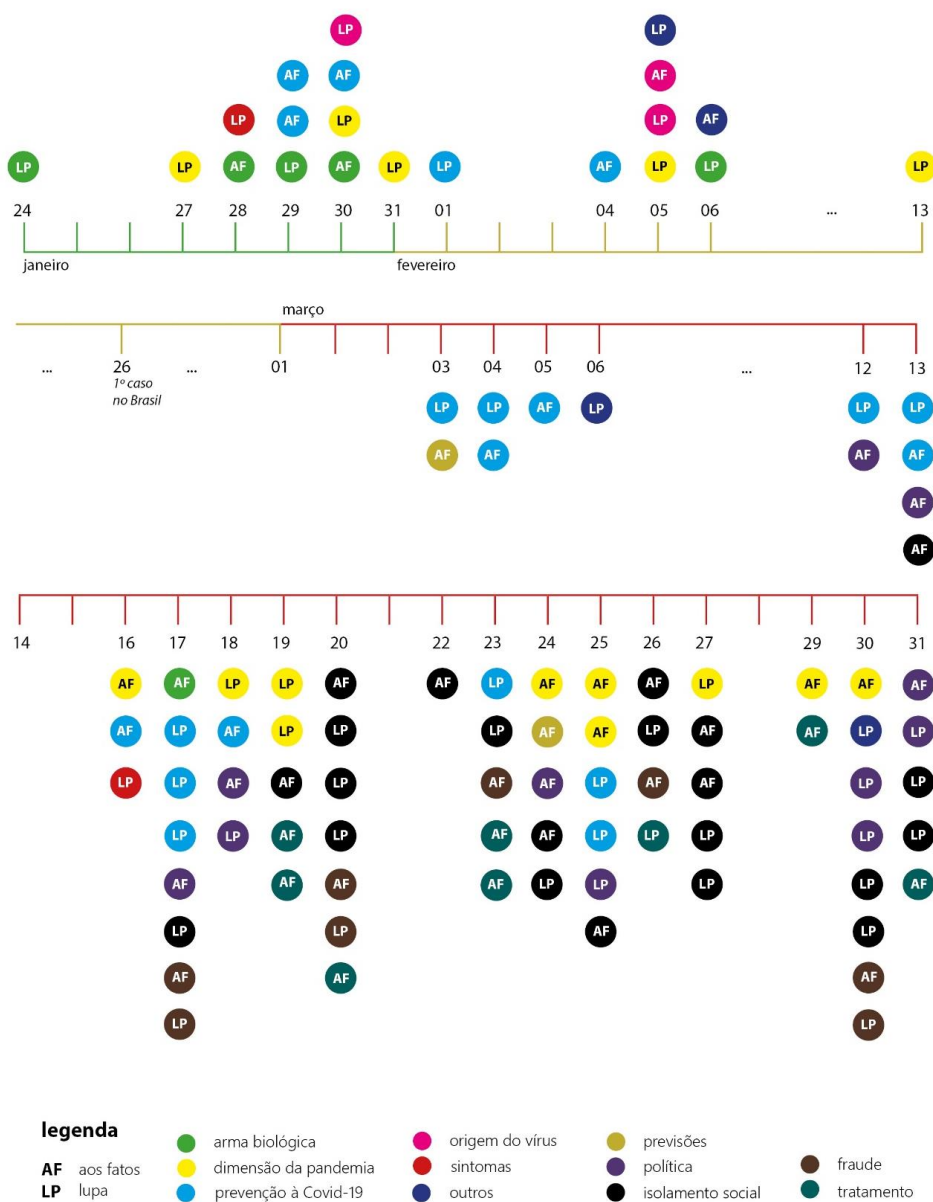
Cada vez que uma fonte era citada por uma checagem, foi realizada uma codificação, que considerava o tipo de fonte (oficial, especialista, documental, outros), o local de publicação ou meio utilizado para acessá-la (site, periódico científico, portal noticioso, perfil em rede social, entrevista por telefone, dentre outros) e o modo como ela é indicada no texto (por meio de *hiperlink*, sem uso de *hiperlinks*, uso de captura de tela para confirmar veracidade da entrevista, dentre outros). Ainda se considerou como cada fonte participa da argumentação do texto – se corrobora ou não determinado argumento – e seu uso específico. Isso porque, como argumenta-se aqui, a construção de uma referência no texto depende de considerar: 1) quem falou; 2) o que se falou; 3) de que modo se falou isso; e 4) como isso é utilizado na argumentação.

Dentre as limitações da pesquisa, indica-se que a análise se restringe aos textos, o que não permite identificar constrangimentos organizacionais ou as implicações da pandemia e da adoção de trabalho remoto nas redações. Vale considerar, ainda, que a

Covid-19 trouxe diversos desafios na cobertura jornalística, especialmente por envolver a comunicação e a divulgação da ciência.

**Imagem 01** – Temas das checagens sobre a COVID-19 desenvolvidas pela *Aos Fatos* e *Lupa*

### CHECAGENS SOBRE A COVID-19



Fonte: elaborado pelo autor, 2020.

### 3. Resultados e discussão

A partir da análise, foi possível discutir a noticiabilidade das checagens e, também, as referências indicadas nos textos.

#### 3.1 Noticiabilidade

O convênio entre as agências e o Facebook é o principal fator para que um conteúdo falso sobre a Covid-19 seja checado. Dentre os 20 textos que discutem a prevenção da doença, apenas uma não cita o acordo das agências com o projeto de verificação da plataforma, tendo sido produzido a partir de sugestão do leitor pelo formulário *LupaAqui*. Por sua vez, sete foram produzidos por indicação dos leitores, que enviaram a sugestão pelo WhatsApp (Aos Fatos). No entanto, indica-se que o resultado da checagem foi disponibilizado também no projeto de verificação do Facebook.

No caso de verificações sobre a dimensão da pandemia (15), apenas um não cita o convênio do Facebook como motivo para sua produção. Trata-se de checagem produzida pelo Aos Fatos a partir de pedido de leitor, por meio do WhatsApp. No caso da Lupa, todos os textos sobre o tema fazem menção ao referido acordo.

O número de compartilhamentos<sup>3</sup> de cada conteúdo está relacionado à noticiabilidade. O número de vezes que o conteúdo falso foi compartilhado depende do mês de publicação: em janeiro, a média de compartilhamentos foi 1.997 (*DP*: 4.882,73), em fevereiro, 45.170 (*DP*: 123.183,5), e em março, 12.034 (*DP*: 24.458). O elevado desvio padrão aponta que há uma disparidade grande entre a quantidade de vezes que cada mensagem falsa foi disseminada. Nas checagens sobre a prevenção da Covid-19, há conteúdos compartilhados apenas 41 vezes e outros disseminados mais de 70 mil vezes.

Os textos analisados se pautam pela “atualidade” e “recorrência” de uma informação falsa, o fato de tratar-se de conteúdo ainda não checado e corriqueiramente compartilhado em grupos do WhatsApp ou nas plataformas de redes sociais. O “interesse público” de uma informação também aparece como fator de seleção, conforme se analisa as checagens produzidas.

---

<sup>3</sup> O número de compartilhamentos considerado é aquele que as próprias agências indicaram nos textos, durante a redação da checagem.

O “exótico” também aparece nas checagens sobre a dimensão da pandemia: nas matérias que avaliavam uma fotografia em que muitos corpos estavam jogados no chão em uma praça italiana e outra sobre uma imagem de inúmeros caixões, que supostamente contivessem mortos na Itália pela Covid-19. Outro valor que aparece é a “proeminência” de quem compartilhou: a referida matéria sobre a postagem de Edir Macedo, a publicação de conteúdo falso por Silas Malafaia e, também, Carla Zambelli. Ainda nas verificações sobre a dimensão da pandemia, destaca-se o valor “proximidade”, em matéria que analisava um suposto caso de COVID-19 em hospital manauara.

### 3.2 Referências

O texto das checagens convoca documentos, entrevistados e outros para corroborar aquilo que é afirmado. São 6,78 citações, em média, por verificação. O perfil das fontes consultadas também se modifica de acordo com o mês analisado. Prioriza-se o uso de fontes jornalísticas (textos jornalísticos, com 50 citações, *fact-checking*, com 31, e autocitação, com 22, totalizando 103 citações), seguidos por fontes oficiais e pesquisa científica.

**Tabela 2 e 3** – Fontes citadas nos conteúdos checados pela *Aos Fatos* e *Lupa*

Temática	Oficiais	Outros especialistas	Universidades	Pesquisa científica	Jornalismo	Checagens	Autocitação	Outros	n total	%
Prevenção à COVID-19	45	17	7	16	16	21	15	-	137	56,85
<i>jan.</i> (3)	13	1	3	1	1	3	3	-	25	10,37
<i>fev.</i> (2)	5	-	-	-	1	3	2	-	11	4,56
<i>mar.</i> (15)	27	16	4	15	14	15	10	-	101	41,91
Dimensão da pandemia	29	4	2	11	34	10	7	7	104	43,15
<i>jan.</i> (3)	2	1	-	-	6	5	2	-	16	6,64
<i>fev.</i> (2)	4	1	-	3	4	1	1	1	15	6,62
<i>mar.</i> (10)	23	2	2	8	24	4	4	6	73	30,29
<b>Total geral</b>	<b>74</b>	<b>21</b>	<b>9</b>	<b>27</b>	<b>50</b>	<b>31</b>	<b>22</b>	<b>7</b>	<b>241</b>	<b>100</b>

Temática	Textos	Citações	Proporção	%
Prevenção à COVID-19	20	137	6,85	56,85
<i>jan.</i> ..	3	25	8,33	10,37
<i>fev.</i> ..	2	11	5,50	4,56
<i>mar.</i> ..	15	101	6,73	41,91

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo  
18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo  
3 a 6 de Novembro de 2020

Temática	Textos	Citações	Proporção	%
Dimensão da pandemia	15	104	6,93	43,15
<i>jan.</i>	3	16	5,33	6,64
<i>fev.</i>	2	15	7,50	6,62
<i>mar.</i>	10	73	7,30	30,29
<b>Total geral</b>	<b>35</b>	<b>214</b>	<b>6,78 (média)</b>	<b>100</b>

Fonte: elaborado pelo autor, 2020.

A partir da análise dos textos, é possível inferir que:

- **Fontes oficiais** relacionadas à saúde são convocadas para apresentar os números de contaminados e mortos com a pandemia, bem como sintomas da doença. Nas matérias, citações a documentos de organizações independentes internacionais, como a OMS e a OPAS, corroboram os dados apresentados pelo Ministério da Saúde brasileiro. Órgãos de saúde de outros países e, até mesmo, de estados brasileiros, aparecem eventualmente nas checagens, especialmente quando se trata de um conteúdo falso de cunho regional.

Órgãos oficiais que cuidam de políticas públicas relacionadas a outras pastas aparecem em checagens no final de março, geralmente. É o caso da Anvisa, convocada para explicar os padrões de produção do álcool em gel 70%, ou o Ministério da Cidadania, convocado em função das fraudes relativas ao auxílio emergencial. Observa-se que conforme o isolamento social torna-se política de enfrentamento ao vírus, o Ministério da Saúde – e as checagens sobre saúde – deixam de ser citados.

- **Especialistas** são convocados raramente, a fim de esclarecer aspectos relacionados a sua área de *expertise*: a necessidade de produzir uma checagem sobre a composição do álcool em gel convoca um consultor do Conselho Federal de Química e uma pesquisadora da USP, por exemplo. No entanto, há preferência das agências em contatar esses especialistas por e-mail: nas 103 checagens, há menos de cinco em que as entrevistas foram conduzidas de outro modo. O que se percebe é que o especialista parece ser visto como última opção.



- **Textos jornalísticos** são utilizados, nas checagens, para relatar a dimensão da doença em outros países, principalmente nas verificações publicadas até o início de março, quando a OMS considerou a Covid-19 uma pandemia global. Podem ser usados ainda para explicar a metodologia das agências, indicar convênios por elas desenvolvidos, recuperar informações históricas em comparações e os posicionamentos de pessoas públicas;

- **Pesquisas científicas** são apresentadas de três formas distintas: textos de divulgação de universidades renomadas, bases estatísticas e artigos científicos em revistas como *Lancet*, dentre outras. Não se aponta, contudo, que critérios de seleção levam a esses textos. Também não é um especialista que os interpreta: é o próprio jornalista que lê o artigo e identifica sua adequação ao que está sendo abordado<sup>4</sup>. Importa ressaltar que esse mau uso da pesquisa científica indica uma percepção da ciência como mera fonte do jornalismo: encaixa-se aquilo que cabe na matéria sem, na maior parte das vezes, apresentar-se o método ou as limitações da pesquisa. Parece que a ciência evita mais questionamentos às matérias: é um artigo, publicado em revista internacional – não há mais o que questionar.

### 3.4 A objetividade produzida pelas referências

A objetividade jornalística, enquanto padrão do texto noticioso ocidental (MARTINE; DE MAEYER, 2018, PARKS, 2019a, 2019b) é uma reivindicação (*claim*) estratégica – evita críticas – dos jornalistas, sendo desenvolvida por meio de um ritual, pois envolve a aplicação de técnicas de apuração e redação, bem como ferramentas específicas. Consiste na adoção de procedimentos como a apresentação do contraditório, de evidências, o uso judicioso de aspas e a redação em pirâmide invertida, com o uso do *lead* (TUCHMAN, 1972, SOUZA, 2000). A objetividade no jornalismo é produzida por essa rede sociotécnica que afeta a apuração, a redação e a apresentação do conteúdo produzido: as teorias do *newsmaking*, dos *gatekeepers*, do controle das redações, da ação dos meios físico e tecnológico, entre outras, reconhecem, em alguma medida,

---

<sup>4</sup> Cabe destacar, nesse sentido, o projeto *Lupa na Ciência*, que é desenvolvido pela agência Lupa, tem financiamento de empresas como o Google e busca desenvolver a divulgação de artigos científicos sobre a COVID-19.

que não humanos participam da produção do texto jornalístico (WOLF, 1999, SOUZA, 2000, TRAQUINA, 2005).

Argumenta-se aqui que a objetividade pode ser aferida quando se observa as cadeias de referência<sup>5</sup> produzidas pelo texto jornalístico (LATOIR, 2013, MARTINE; DE MAEYER, 2018). As técnicas de apuração e redação, os procedimentos de trabalho, a rede de fontes e como os depoimentos das fontes ou documentos são utilizados formam cadeias de referência que permitem tornar o fato narrado móvel, mantendo imutáveis suas características principais. Tal proposta também é importante porque permite a definição de um procedimento metodológico para avaliar o grau de objetividade em um texto (MARTINE; DE MAEYER, 2018). Importa pontuar, contudo, que a objetividade e a qualidade do texto jornalístico podem ser medidas pela extensão das cadeias de referência, mas a análise da construção / evocação dessas cadeias de referência não deve limitar-se ao texto noticioso.

A partir dos textos analisados, é possível identificar significativa autorreferência do jornalismo ao tratar da Covid-19, ainda que tais textos são convocados para indicar a evolução da pandemia ou indicar a data em que o primeiro caso foi confirmado. A consulta a fontes oficiais, por sua vez, indica a busca por informação consolidada, especialmente em um contexto em que as pesquisas científicas sobre a doença eram recentes. Percebe-se, portanto, que as checagens se pautaram pelo discurso jornalístico e o oficial, fontes que, certamente, não traziam as informações mais confiáveis ou mais atualizadas sobre a pandemia.

#### **4. Considerações**

Embora não alcancem a precisão científica, as agências de checagem procuram documentar o fato discutido, por meio da coleta de dados em bancos de dados públicos,

---

<sup>5</sup> A capacidade de acondicionar o mundo em palavras é um desafio do cientista e, com menor precisão, do jornalista. Latour (1999) aponta que a relação entre uma coisa estudada – por exemplo, o solo da Amazônia – e o relatório que discorre os resultados se dá por meio de uma referência circulante, que permite a redução do fato, de modo a ser relatado e generalizado, ao mesmo tempo em que se garante sua relação com o objeto mantendo-se algumas constantes. É desse modo que é compreendido o conhecimento científico: ele busca informar por meio das cadeias de referência, que reúnem tecnologias de inscrição e visualização que buscam aumentar a mobilidade e a imutabilidade dos fatos, por meio da correspondência entre diversos documentos (LATOIR, 2013).

documentos oficiais, entrevistas com especialistas e, às vezes, o próprio método jornalístico. Em relação à Covid-19, as referências criadas nos textos de verificação permitem relatar a doença e suas consequências, mas de modo diferente do relato que a consulta a especialistas e a um maior número de pesquisas científicas geraria. Destaca-se especificamente a importância que textos jornalísticos tiveram na produção das checagens, o que pode implicar uma tautologia na cobertura da pandemia.

A pesquisa aqui relatada ainda está em desenvolvimento, bem como os procedimentos metodológicos para aferição e análise das referências desenvolvidas pelo texto. Contudo, acredita-se que os resultados aqui relatados demonstram a eficiência desse programa de pesquisa, que considera a objetividade a partir da extensão das cadeias de referência produzidas pelo jornalismo. Tal proposta é especialmente importante pois permite distinguir o bom jornalismo dos diversos simulacros e conteúdos falsos que mimetizam a técnica de redação jornalística.

## Referências

- AMAZEEN, M. A. Checking the fact-checkers in 2008: predicting political ad scrutiny and assessing consistence. **Journal of Political Marketing**, [S.l], v. 15, n. 4, p. 433-464, 2016.
- AMAZEEN, M. A. Revisiting the epistemology of fact-checking. **Critical Review**, [S.l], v. 27, n. 1, p. 1-22, 2015.
- AMAZEEN, M. A. *et al.* Correcting political and consumer misperceptions: the effectiveness and effects of rating scale versus contextual correction formats. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, [S.l], v. 95, n. 1, 2018.
- BRANDTZAEG, P. B.; FØLSTAD, A.; DOMÍNGUEZ, M. A. C.. How journalists and social media users perceive online fact-checking and verification services. **Journalism Practice**, [S.l], v. 12, n. 9, p. 1109-1129, 2018.
- FABRY, M. Here's how the first fact-checkers were able to do their jobs before the internet. **Time**, 24 de agosto de 2017.
- GRAVES, L. Anatomy of a fact check: objective practice and the contested epistemology of fact checking. **Communication, Culture & Critique**, [S.l], v. 10, n. 3, p. 518-537, set. 2017.
- GRAVES, L. Boundaries not drawn: mapping the institutional roots of the global fact-checking movement. **Journalism Studies**, [S.l], v. 19, n. 5, p. 613-631, 2018.

GRAVES, L.; KONIECZNA, M. Sharing the news: journalistic collaboration as field repair. **International Journal of Communication**, [S.l], v. 9, p. 1966-1984, 2015.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. São Paulo: Record, 2008.

LATOURETTE, B. **An inquiry into modes of existence**: an Anthropology of the Moderns. Cambridge, MS: Harvard University Press, 2013.

LATOURETTE, B. Circulating reference: sampling the soil in the Amazon forest. In: LATOURETTE, Bruno. **Pandora's hope**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999, p. 24-79.

MARTINE, T.; DE MAEYER, J. Networks of reference: rethinking objectivity theory in journalism. **Communication Theory**, [S.l], v. 29, n. 1, p. 1-23, 2018.

LOWREY, W. The emergence and development of news fact-checking sites. **Journalism Studies**, [S.l], v. 18, n. 3, p. 376-394, 2017.

PARKS, P. An unnatural split: how 'human interest' sucks the life from significant news. **Media, Culture & Society**, [S.l], v. 41, n. 8, p. 1228-1244, 2019a.

PARKS, P. Textbook news values: stable concepts, changing choices. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, [S.l], v. 96, n. 3, p. 784-810, 2019b.

SOUZA, J. P. **As notícias e os seus efeitos**: as "teorias" do Jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos. Coimbra: Minerva, 2000.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, G. Objectivity as strategic ritual: an examination of newsmen's notions of objectivity. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 77, n. 4, p. 660-679, jan. 1972.

USCINSKI, J. E.; BUTLER, R. W. The epistemology of fact checking. **Critical Review**, [S.l], v. 25, n. 2, p. 162-180, 2013.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1999.